

A vez dos pobres no pré-vestibular

Mestres abnegados (muitos deles ainda estudantes) dedicam parte do tempo a ajudar carentes a correr atrás do sonho

O sonho de entrar na universidade e seguir uma profissão de nível superior não é algo muito distante para uma legião de estudantes pobres do Distrito Federal. Associações e prefeituras comunitárias, voluntários e até entidades sindicais estão criando cursinhos pré-universitários para prepará-los melhor para o desafio do vestibular e a disputa com os candidatos de escolas particulares.

Foi a Prefeitura Comunitária da Ceilândia Norte que deu o pontapé, criando, em abril, um cursinho no galpão da entidade, que atende hoje a 100 estudantes. O prefeito, Denito Vieira de Barros, 54 anos, um mestre-de-obras, tem dado total apoio ao projeto. Os professores são alunos ou ex-alunos da Universidade de Brasília (UnB) e da Universidade Católica. Os alunos pagam uma mensalidade de R\$ 30,00. A cobrança da mensalidade serve de receita para manter o cursinho. O dinheiro é para pagar os professores, despesas com xerox e com o material didático. Edilson Barbosa, vice-prefeito e um dos idealizadores do projeto, diz que, além de ser uma necessidade, cobrar mensalidade também serve para valorizar o cursinho. "Exigimos profissionalismo dos professores e faz com que os alunos não faltem às aulas", argumenta.

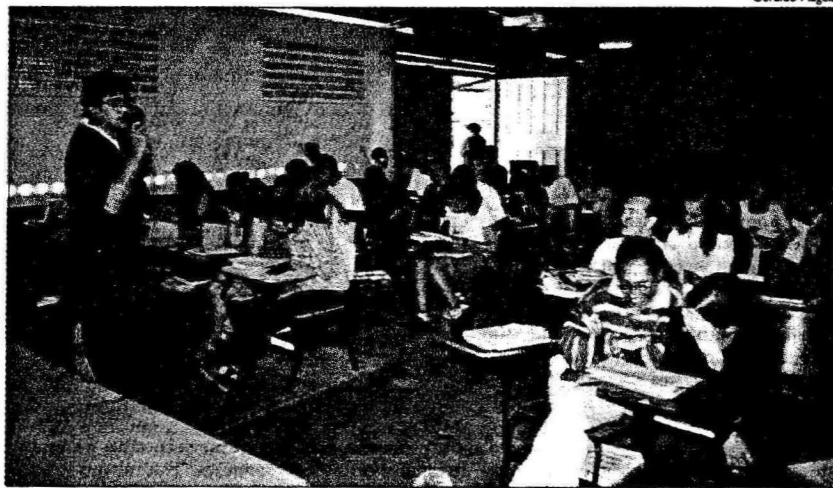
Para pôr em funcionamento o cursinho, a Prefeitura ganhou as carteiras do UniCeub e de um

político, mas ainda precisa de doações. O material didático é elaborado pelos próprios professores. Por falta de dinheiro, não há muitos recursos didáticos. "Quando precisamos de vídeo e televisão, por exemplo, temos de trazer de casa", conta Barbosa. Ele espera sanar estas carências apelando para a sensibilidade dos empresários. Apesar das dificuldades, o sucesso do cursinho é tanto que a prefeitura quer abrir uma nova turma para funcionar no período noturno. "E para atender os alunos que trabalham", diz Edilson. Vinte estudantes já desistiram de frequentar as aulas porque conseguiram emprego. As aulas do curso noturno começam em agosto. As inscrições estão abertas, mas ainda faltam as carteiras, que a prefeitura espera receber de doação.

Aridan Fernandes de Almeida, 18 anos, é um dos primeiros beneficiados com o cursinho. "Passei na primeira fase do vestibular da Católica e estou me preparando melhor para fazer a segunda fase em dezembro", conta. Muitos dos alunos sequer têm condições de pagar a mensalidade de R\$ 30,00, mas a prefeitura tenta subsidiar para que eles não desistam.

A jovem Diana Ribeiro Rodrigues, 18 anos, por exemplo, só está frequentando as aulas porque uma tia está pagando. "Meu pai está desempregado", justifica. Diana quer fazer Pedagogia e acha que, com o cursinho, poderá conseguir uma vaga na UnB. "Antes estudava sozinha na biblioteca, mas quando as dúvidas surgiam não tinha a quem recorrer. Agora, com o cursinho, é diferente. Temos ótimos professores, principalmente o de Biologia e Literatura", aponta.

"Foi uma luz no final do túnel", diz a estudante Elisângela



Geraldo Magela

Sala de aula na Ceilândia Norte: número de cursinhos para carentes cresce no DF

Nogueira Machado, 25 anos, que sonha em ser psicóloga. "Seria impossível pagarmos as altas mensalidades de um cursinho convencional", reforça. Antônio José de Jesus, 40 anos, durante muitos anos adiou seu sonho de ser fisioterapeuta de formação superior. Quando terminou o 2º grau (hoje ensino médio), em 1981, o vigia fez o curso técnico de fisioterapia, mas até hoje não foi reconhecido pelo Conselho de Fisioterapia. "Agora, tenho chance de fazer vestibular".

A clientela do cursinho é heterogênea. Há estudantes que estão cursando o ensino médio, que já concluíram e até alunos mais velhos que ainda mantêm o sonho de entrar na faculdade. "É uma experiência fantástica", enfatiza o professor de Literatura Paulo Giovani Rodrigues, aluno do curso de Letras da Universidade Católica. Segundo ele, o cursinho oferece um ensino de qualidade a preço acessível e atende as expectativas de uma comunidade carente. São 13 professores de todas as disciplinas, inclusive de Inglês e Espanhol.

que, na opinião de Giovani, também estão tendo uma experiência pessoal enriquecedora. "No meu caso, além de ser um enriquecimento curricular porque ainda sou aluno do curso de Letras, estou tendo oportunidade de fazer um trabalho social para a minha comunidade", destaca.

A ideia está se expandindo para outras localidades do Distrito Federal. O presidente da Associação dos Moradores da Guarirôba, Bernardino Neto Leão, 36 anos, está buscando apoio para montar as salas de aulas. "Precisamos de um local e de carteiras", diz, apontando que na comunidade há muitos alunos carentes que não têm condições de pagar um cursinho, mas sonham em entrar na universidade.

O jornalista Alexandre Guimaraens, ex-professor de escola particular, é outro que pôs em prática um projeto antigo. Com apoio da Administração e da Divisão de Ensino de Samambaia, começa a funcionar no dia 2 de agosto, no Centro de Ensino 303, o cursinho pré-universitário de Samambaia.

As inscrições encerraram-se na última quarta-feira e a procura surpreendeu os organizadores. "Foram mais de 100 inscrições para 60 vagas e, por isso, tivemos de fazer a seleção dos candidatos pelo desempenho escolar e por meio de entrevista", contou Guimaraens. As aulas só vão ocorrer aos sábados e feriados, das 8h às 12h e das 13h às 17h, mas a ideia do jornalista, que é funcionário da Administração de Samambaia, é levar o cursinho, que é gratuito, para o Recanto das Emas e Riacho Fundo.

A ideia dos cursinhos pré-vestibulares está sendo discutida no âmbito da Secretaria de Direitos Humanos, órgão do Ministério da Justiça. O secretário José Gregori quer estimular a criação de cursinhos para estudantes negros que, por causa da baixa formação escolar, têm poucas chances no mercado de trabalho e ainda são minoria nas universidades brasileiras.